

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Roberto Carlos Bordignon

O QUE AINDA MOVE OS ALUNOS PARA O ESPAÇO ESCOLAR?

Porto Alegre

2015

Roberto Carlos Bordignon

O QUE AINDA MOVE OS ALUNOS PARA O ESPAÇO ESCOLAR?

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Porto Alegre

2015

Roberto Carlos Bordignon

O QUE AINDA MOVE OS ALUNOS PARA O ESPAÇO ESCOLAR?

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Nestor André Kaercher

Aprovado em Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Nestor André Kaercher
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Roselane Zordan Costella
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Nelson Rego
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Nestor André Kaercher, pela orientação e pela paciência.

A minha família pelo incentivo, para que eu voltasse a estudar.

A todos os professores e colegas que fizeram parte da minha caminhada acadêmica.

RESUMO

O presente trabalho é parte integrante da formação no curso de Licenciatura em Geografia. Traz reflexões acerca da caminhada acadêmica. Dá destaque para os estágios e o problema que gerou a pesquisa aqui descrita. Que foi o pequeno número de alunos em sala de aula, nas escolas em que foram realizados os estágios. Gerado principalmente pelo abandono escolar. Esta pesquisa ao invés de procurar saber o que levou esses alunos a abandonar a escola. Que provavelmente traria conclusões incertas. Tenta descobrir o que ainda move os jovens para o espaço escolar? Aquele identificado como desinteressante, com poucos recursos didáticos, com ensino atrofiado, com professores desmotivados, um ambiente, sem dúvida, não prazeroso. A partir daí, foi desenvolvido um questionário, que foi aplicado na escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gomes Corrêa, no município de Gravataí RS, nas turmas de 1º ano do Ensino Médio. A partir das respostas obtidas, chegou-se às seguintes conclusões: 1º Todos os alunos pesquisados acham a escola importante, seja como preparação para o futuro como um lugar de socialização e aprendizado. 2º O que os alunos não gostam na escola é principalmente sua estrutura física que pode significar a falta de investimentos no poder público em educação e depois os regramentos da instituição. 3º que a maioria dos alunos gosta das aulas de Geografia, mas a relacionam com quase todos os temas existentes. O que é bom por um lado, pois possibilita grande margem de manobra, mas ruim, pois fica difícil delimitar o que é realmente Geografia.

Palavras chave: Espaço Escolar; Ensino; Geografia.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 INTRODUÇÃO OU DE COMO EU VIM PARAR NA GEOGRAFIA	9
3 OS ESTÁGIOS	12
3.1 O ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL	12
3.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	13
3.3 O ESTÁGIO DO ENSINO MÉDIO.....	15
3.4 O QUE DEU DE ERRADO NOS ESTÁGIOS.....	19
3.5 O MEU APRENDIZADO COM OS ESTÁGIOS.....	20
4 MINHA PESQUISA: O QUE AINDA MOVE OS ALUNOS PARA O ESPAÇO ESCOLAR.....	24
4.1 HIPÓTESE.....	24
4.2 OBJETIVOS.....	25
4.3 JUSTIFICATIVA	25
4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	25
5 QUESTIONÁRIO.....	27
5.1 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	27
5.2 RESULTADOS E ANÁLISE.....	27
6 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A - O questionário aplicado	43

1 APRESENTAÇÃO

Nasci em 67, na pequena localidade de São Jorge, que na época 1967, tinha não mais que 500 habitantes, hoje município, emancipado em 1987 do município de Nova Prata, na serra gaúcha. Fui o último de nove filhos. “Oito vivos”. Hoje parece muito, mas, naquela época, naquela localidade, era até abaixo da média. A mãe conta que lá, se a mulher não tivesse filho todo o ano o vigário já olhava atravessado e ficava sem comungar na missa obrigatória do domingo. Meu pai estudou até a quarta série do primário, minha mãe até a terceira. Lá não havia muitos empregos, foi uma comunidade próspera, mas na década de 60, começou a decadência com o fechamento de sua usina geradora de energia, e também do moinho de trigo. Em Junho de 1967, minha família migrou para a região metropolitana de Porto Alegre. Para mais próximo do “progresso”, onde haveria muitos empregos. Empregos até havia, mas em geral pagavam pouco, só o necessário para a reprodução da força de trabalho. Mas meu pai era esperançoso de que, morando próximo à capital seria mais fácil para que pudéssemos estudar e trabalhar. Em parte ele estava certo, tanto que teve dois filhos professores, (serão três comigo). Viemos para morar em Gravataí, município em fase de industrialização naquele tempo. Fomos morar em terra emprestada, uma herança enrolada, um pequeno sítio, próximo da zona urbana. Mas lá não havia energia elétrica, nem água encanada. Curioso, viemos do interior, mas lá tínhamos energia elétrica em casa. Aqui próximo a capital, tudo às escuras. Isso até meus oito anos, depois veio à luz e a TV, que para mim não fazia falta alguma. Acho que por eu ter sido criado assim desde pequeno, sem luz elétrica, geladeira ou televisor. Isso não me fazia falta. Quando anoitecia, era hora de jantar e depois cada um achava o que fazer. Um lia revistas à luz de lampião ou velas. Outros ouviam notícias ou jogos no rádio de pilhas. Ou ainda em noites claras de lua cheia, brincávamos no pátio até às 22 horas. Ainda em noites de sexta ou sábado, tinha a cancha de bocha de um vizinho próximo sob a luz do lampião ou uma serenata de uns amigos de meus irmãos. Minha mãe criava animais e plantava com a ajuda dos filhos. Tínhamos uma vida dura, mas feliz, pois, víamos que juntando o nosso suor com a terra, conseguíamos quase todo o nosso alimento. Eu como era o mais novo, fui o último a trabalhar fora, pois em casa apesar de trabalharmos muito, não víamos dinheiro, já que não “trabalhávamos”. Morávamos próximo a indústrias grandes e médias e que tinham algo em comum; usavam o rio Gravataí, como um

canal de esgoto. Juntando mais o esgoto doméstico, da cidade que então crescia em ritmo acelerado nessa época, o rio era bem mais poluído do que é hoje. Naquela época não tínhamos quase nenhuma lei ambiental. Os dejetos jogados no rio eram tantos, que podíamos literalmente caminhar sobre as águas.

A problemática ambiental sempre esteve presente em minha vida e em minha caminhada acadêmica. Como já afirmei anteriormente, tive a sorte de muitos campos de estudo da graduação, terem sido exatamente a sub-bacia do rio Gravataí, onde eu cresci e que também pretendo utilizar em minha caminhada como docente.

Em meus estágios, também me identifiquei com muitos de meus alunos. Identifiquei-me até com aqueles alunos que só constavam os seus nomes da lista de presença. Pois eles já tinham abandonado a escola, assim como eu, que abandonei os estudos na sétima série do fundamental. Acredito que como eu, esses alunos também deixaram de estudar, por se sentirem excluídos, onde deveria existir um ambiente de acolhimento.

2 INTRODUÇÃO OU DE COMO EU VIM PARAR NA GEOGRAFIA

Um germe chamado Geografia. Fui exposto e contaminado ainda criança, com cinco ou seis anos, folheando um atlas da minha irmã que era professora. Nunca mais me curei. Sem me dar conta eu cresci em meio a assuntos tratados pela Geografia. Degradação ambiental, com a poluição dos rios. Transformação do espaço, com a ocupação de nossos campos de peladas pelos pavilhões das fábricas. Os pastos, transformados em loteamentos e as grandes indústrias verem seus quadros diminuídos pela modernização da produção e pela concorrência com os tigres asiáticos. E eu, vendo o espaço antes largo, agora ficar estreito. O horizonte já não o original, mas construído, feito de prédios, ombro a ombro como os gigantes de Don Quixote. Não consegui detê-los. Ficamos sem nossos espaços.

Na infância, na ausência da TV, improvisávamos, brincávamos de pegar, esconde-esconde e muito mais. O pai juntava os mais novos e ao redor do fogão a lenha contava histórias antigas que tinha aprendido com seus pais. Gostava de mapas, queria saber as distâncias que separavam os continentes. Mas eu ainda não sabia ler escalas, e ninguém em casa sabia me responder. Via os morros na minha cidade e ninguém sabia me dizer como eles se formaram. Isso me inquietava. Acho que foi esse o motivo de a geomorfologia ser uma das disciplinas que mais gostei na graduação. Pois, ela me respondia como as coisas se formaram. Como chegaram a ter a forma atual. Não dizem apenas que elas ali estão e ponto final.

Na escola, quando me deparei com a forma de ensinar tradicional. Sem relacionar os conteúdos com nossa vida, com o pedaço de mundo que eu conhecia até então, me desencantei. Achava que o ensino daquela forma estava errado, mas eu achava que só eu achava que aquilo estava errado. Fui me perdendo nos números, nas fórmulas e, na sétima série acabei abandonando a escola no meio do ano. Por achar que de qualquer forma rodaria no final. Minha família não gostou de início, mas, como era mais um para trabalhar, acabou aceitando. Mas acertamos que no próximo ano eu voltaria a estudar. Voltei e para minha surpresa, quase toda a turma havia reprovado e estávamos juntos outra vez. Mas com os mesmos professores e os mesmos métodos de ensino, não consegui avançar. Não aceitava trocar a vida livre do sítio para ter que ficar a manhã inteira naquelas aulas chatas onde não via futuro. Abandonei a escola novamente. Mesmo que tivesse que levantar cedo para trabalhar, preferia isso ao cárcere que para mim era a escola.

Fiquei mais dois anos sem estudar, então senti falta dos colegas, das colegas, e voltei a estudar a noite, enquanto trabalhava de dia. Foi ai que senti o poder do mundo da produção. Trabalhava oito ou às vezes onze horas por dia, alimentava-me mal e depois ia correndo para a escola. Fiz 7ª, 8ª e 2º grau e me inscrevi na UFRGS, e mesmo com o descrédito da escola pública e o PPT do ensino médio (1988), passei no provão e no vestibular e entrei para a Geografia.

Quando fiz o estágio no Ensino Médio, vi quase todos os meus alunos do noturno, já inseridos em alguma parte da cadeia produtiva. Não teve como não lembrar de minha história. Vi seus rostos cansados, uns com esperança de que o estudo traria melhoras, mas outros já desanimados, procurando outros meios de mudar sua situação de vida. Muitos procurando o caminho mais curto. Aconselhei-os, contei que o caminho mais curto nem sempre é seguro, dei exemplos, mas não sei se tive sucesso.

Na graduação aprendi muitas coisas legais, novas descobertas da ciência sobre a Terra, sobre o clima, sobre a natureza e o homem. Um monte de informações importantes, inclusive sobre aquele espaço onde eu cresci, a sub-bacia hidrográfica do Gravataí. Com seus problemas ambientais, e o crescimento econômico, que trouxe com ele os problemas de uma cidade grande.

Mas como transformar o conteúdo acumulado durante o curso em aulas interessantes para meus alunos? Foi a pergunta que fiz quando me deparei com os estágios. Não me sentia preparado para encarar uma sala de aula. Quando estávamos assistindo aula, parecia muito fácil, era só despejar o conteúdo. “Transmitir informações geográficas”, para os alunos que como eu estava ali, ávido por “absorver” conhecimentos das diversas áreas da Geografia. Geografia Física, Geologia, Geomorfologia, Climatologia, Agrária, Econômica, Humana, do Brasil, da América Latina, do RS. Tudo isso para mim que adoro os assuntos relacionados à Geografia, era muito interessante. Ficávamos eu e meus colegas, quase que paralisados ouvindo os professores destilar informações.

Mas na escola básica? Fundamental e Médio será que os alunos ficariam quietos, “absorvendo” informações? E será que é realmente essa a função de um professor, transmitir informações?

Eu dividiria o curso de Geografia em duas etapas. As aulas teóricas. Importantes, pois adquirimos muitos conhecimentos. E os estágios. Onde aplicamos os conhecimentos. Não sem antes reaprendermos o que achávamos que sabíamos.

No estágio, em contato com o mundo real. É ali que descobrimos se realmente sabemos o que achamos que sabemos. Uma coisa é você assistir uma aula e achar que entendeu. A professora faz uma prova com uma pergunta e você sabe a resposta. Ai você acha que já sabe tudo. Mas então você vai dar uma aula sobre aquele determinado assunto e acaba vendo aquilo de outro ângulo, vê que existem outras possibilidades. Ou alguém te faz uma pergunta sobre algo que você não havia pensado. Pronto, suas certezas caem por terra. Ai você vai tentar explicar e vai ver se realmente aprendeu.

Quando começamos o curso de Geografia. No meu caso de licenciatura, imaginamos transmitir os conhecimentos adquiridos no curso. Mas a realidade é bem mais que isso. Antes do conteúdo, é preciso sensibilizar o aluno para que ele queira nos ouvir. Senão será perda de tempo. Serão palavras jogadas ao vento Como já sou pai de dois adolescentes, sei que às vezes é difícil conquistar a atenção deles e fazer com que tomem ciência de determinados assuntos.

Talvez o mais difícil e relevante não seja o conceito geográfico em si, mas o pensar sobre o conceito. Fazer da Geografia um “pastel com recheio”, diferente daquele “pastel de vento” citado por Kaercher (2014. p. 90):

A geografia, com seus professores ausentes e com sua pouca densidade no tratamento dos assuntos tratados soa como um pastel de vento: uma aparência externa agradável, “moderna”, mas de conteúdo dispersivo e de reflexão superficial.

3 OS ESTÁGIOS

Na continuação, apresentam-se os estágios realizados.

3.1 O ESTÁGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Fiz o estágio do Ensino Fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental Luciana de Abreu, numa turma de 6º ano, onde pela primeira vez fui chamado de professor, pelos professores da escola. Confesso que gostei do título, mas quase que eu disse: - espere eu ainda não posso ser chamado assim, pois sou apenas um estagiário. Mas senti firmeza nas palavras da vice-diretora Marina e aproveitei a distinção se titubear.

Comecei então com as observações em sala de aula. Durante duas semanas acompanhei a turma 62 de 6º ano, em disciplinas distintas. E elas foram fundamentais para minha posterior regência de turma. Pois, me deram uma boa noção de como os alunos se comportavam em sala de aula. Como era a reação a determinadas atitudes de professores e colegas.

Presenciei situações nas minhas observações que foram muito importantes na minha formação. Ajudaram muito quando enfrentei situações parecidas à frente da turma. Depois dos primeiros momentos os alunos já não se importavam com a minha presença. Nestas observações tive lições de como agir e de como não agir em determinadas situações com os alunos. Como exemplo poderia citar um momento em que a professora pediu que alguns alunos lessem trechos do livro didático. Alguns alunos não ficavam quietos e a professora os repreendeu duramente. Acho que não foi a melhor estratégia. Talvez se pedisse aos alunos barulhentos se não queriam ler para a turma. Assim gastariam energia em prol da aula. Pude ver como eles reagiam diante das explicações dos professores ou dos momentos em que os ânimos se acirravam por conta de comportamento. A partir daí, pude ir planejando como seriam ou como eu queria que fossem as minhas aulas. Acho que as observações poderiam ocorrer já nos primeiros semestres da licenciatura.

Sendo minha primeira regência de turma acho que não preciso dizer que estava apreensivo. Mas a primeira aula foi boa e acho que ali tive certeza de ter feito a escolha certa. Ainda que tardia. O estágio foi transcorrendo com altos e baixos.

Alguns dias plácidos como uma bacia sedimentar, outros atribulados como o Círculo de Fogo do Pacífico. Muitas vezes sai da sala me sentindo “pesado”, como se o planeta inteiro estivesse sobre minhas costas, já em outros quase podia voar. Mas, a que se devia essa diferença? Será que o problema era comigo ou seria com a turma? Tive aulas bem programadas que não tiveram um resultado muito satisfatório. Outra que achei que não foram bem planejadas e deram ótimos resultados. Quando fui me inteirando com os outros professores da escola, constatei que além do bom planejamento das aulas, o estado de espírito dos alunos influencia muito no seu andamento. Percebi que eu teria que levar isso em conta se quisesse que minhas aulas não se tornassem maçantes para os alunos. Vi que além de um bom planejamento da aula, é preciso levar em conta, outras variáveis. Por exemplo, como transcorreram as outras aulas com os outros professores durante a semana; a pressão que existe sobre eles no período de provas; e também, o aluno pode trazer para a sala de aula, problemas ocorridos na sua casa ou na comunidade onde mora. Afinal a escola não é uma dimensão à parte da vida dos alunos. E dois períodos semanais de Geografia, são apenas dois grãos de areia perdidos numa duna. Ainda que toda duna necessite de cada grão de areia para existir. Não é possível mudar sozinho uma turma inteira. Precisa ser um trabalho conjunto e contínuo e, sem resultados garantidos. Mas não podemos desistir. Tive também boas surpresas, alunos muito interessados nos conteúdos que trabalhávamos. Outros que apesar da pouca idade tinham já que participar do sustento da família e que ficaram tristes com o final do estágio, pois, estávamos nos entrosando bem nas aulas. Outra surpresa boa foi o dia do conselho de classe, uma tarde que choveu muito em Porto Alegre, bem na hora que as crianças saem de casa e, a minha turma a 62, era a única que estava completa. Pode ser acaso, mas também pode ser porque gostavam das minhas aulas.

3.2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Algumas práticas aprendidas na graduação, que aplicadas em aula, me motivaram a ir em frente com a docência. Como quando estávamos estudando placas tectônicas, levei para a aula uma folha com o mapa da América do Sul, e alguns pequenos blocos de madeira. Pedi para que cada aluno colocasse seu nome nos blocos e então os chamei para minha mesa, onde coloquei o mapa e pedi aos

alunos que no continente sul-americano, escolhessem um lugar para morar e, colocassem ali os blocos representando suas casas. Então segurando a folha, fiz pressão no lado oeste do mapa, banhado pelo Oceano Pacífico. Neste momento a folha dobrou-se, formando uma saliência exatamente onde se localiza a Cordilheira dos Andes, sendo que os blocos que estavam nesta parte do mapa acabaram caindo. Com essa demonstração, e com a atenção de todos os alunos, acho que por conta de eu ter feito algo que chamou a atenção deles para aquele assunto, comecei a aula. Expliquei a eles como acontecem os terremotos e o surgimento das cadeias de montanhas, e a importância dos conhecimentos geográficos para podermos, por exemplo, escolher onde morar com segurança. Foi uma aula gratificante, pois, além de eu ter conseguido fazer o que tinha planejado para aquele dia, vi que eles tinham entendido o assunto. Pena que fiquei sem os blocos, pois todos quiseram levar o bloco com seu nome para casa. Não tive como não deixar.

Em uma aula, os alunos estavam muito agitados, então lembrei que eu tinha na minha pasta algumas rochas contendo alguns fósseis de plantas, que encontrei no município de Mariana Pimentel, numa saída de campo de Paleobiogeografia. Primeiro pedi a eles se já tinham visto fósseis, no que eles responderam que já tinham visto pela televisão e alguns já tinham visto no museu da PUC. Então mostrei a eles os fósseis que havia levado e disse que eu mesmo os tinha encontrado. Pedi se eles já os haviam pegado fósseis na mão? Eles ficaram muito surpresos, correram todos ao meu redor, pegaram na mão, e até cheiraram as rochas contendo fósseis de plantas. Usei isso como um plano “B”, sugestão do professor Nestor, em um momento que não conseguia manter a atenção da turma.

Quando estava ensinando sobre clima, comecei falando dos diferentes tipos climáticos e pedindo que eles observassem os exemplos no livro didático. Logo vi que não estavam nem aí para minhas explicações. Então recordei de uma aula da professora Roselane, onde ela construiu no quadro com nossa participação, o planeta com suas zonas climáticas, ângulo de inclinação, estações, etc. Então fiz com a participação deles o desenho do planeta Terra. Suas linhas imaginárias e zonas climáticas, explicando o porquê das diferentes estações do ano. A relação do clima com a vegetação. Por quais motivos há desertos ou florestas em determinados locais e não em outros. Feito o desenho no quadro, peguei o livro didático com o mapa dos tipos climáticos e o coloquei ao lado do desenho. Ficaram boquiabertos. Consegui desequilibrá-los, pois eles não haviam se dado conta que existia uma

relação tão significativa das zonas climáticas com a vegetação. Achavam que as tais “linhas imaginárias” não passavam de meras nomenclaturas. Pra dizer a verdade eu mesmo me dei conta disso já lá pelo segundo grau, pois, eu sempre aprendi na escola a apenas decorar seus nomes. Então conquistei a atenção que queria, para depois explicar que além das zonas climáticas. Havia também os diversos tipos climáticos decorrentes de altitude, maritimidade/continentalidade etc. Foi emocionante ver a curiosidade em seus olhos pela “malfadada” Geografia.

Com essas práticas, entendi que é possível sim dar boas aulas com poucos recursos disponíveis. Antes de tudo é necessário conquistar a atenção e o respeito da turma e ter disposição. Se o professor for apático, os alunos não vão parar para ouvir sua explicação. Ficaré o professor passando conteúdo sem obter a atenção necessária para existir aprendizagem.

No decorrer do estágio com o 6º ano, algumas aulas foram difíceis. As vezes tive de repreender os alunos, noutras, tive de apartar brigas. Mas quando consegui conquistar a atenção deles, tivemos juntos grandes momentos de aprendizagem recíproca. Pena o pouco tempo, quando consegui conhecer bem a turma, o estágio já estava chegando ao final. Mas acho que consegui dar meu recado como educador.

Uma coisa que constatei e que me incomodou muito foi o pequeno número de alunos em sala, 13 no máximo, mas lista de presenças havia trinta alunos. Apesar de alguns colegas acharem melhor turmas pequenas, a meu ver isso torna a aula menos dinâmica, com menos troca de conhecimentos.

3.3 O ESTÁGIO DO ENSINO MÉDIO

No estágio do Ensino Médio, na Escola Estadual Inácio Montanha à noite, esperava encontrar turmas maiores, mas, novamente o fenômeno da evasão escolar estava presente. Turmas esvaziadas, reduzidas a pequenos grupos dispersos por salas que agora pareciam enormes.

Quando a orientadora educacional disse que eu teria que realizar meu estágio em duas turmas, fiquei apreensivo, mas, arregacei as mangas e fui a luta. E foi bom, pois, eu pude constatar que cada turma é única, cada uma tem seu próprio ritmo e o professor precisa se adaptar para não atropelar o conteúdo. Peguei duas turmas de

primeiro ano, e nas duas, o mesmo problema de esvaziamento. Na lista de presenças havia 50 alunos. Mas em sala de aula não mais que 13.

Na turma 116 as aulas rendiam bastante, pois os períodos eram o segundo e o terceiro. Os alunos estavam acomodados, sentados, mas não cansados. Já a turma 117 que tinha Geografia na quarta e na quinta sempre nos últimos períodos, o ritmo era diferente e a meu ver os alunos ficavam prejudicados, pois nessa altura a escola já começava a ficar deserta. Havia relatos de alunos que sofreram assaltos na frente da escola. Muitos acordavam cedo para trabalhar e já estavam cansados depois de um dia de trabalho e quatro períodos de aula.

Eu mesmo fiz meu ensino médio à noite, trabalhando o dia todo. Como já havia parado de estudar anteriormente, sabia que abandonar a escola não resolveria o problema, mas vi muitos colegas que não conseguiram terminar os estudos. Quando se é jovem tem-se pouca consciência de como funciona o mundo do trabalho, quer seja ele capitalista ou outro qualquer. A sociedade exige que sejamos produtivos, e nos insiramos em alguma área da produção. Tem que comparecer com algum dinheiro em casa. Pelo menos no meu tempo não tinha essa de dizer que era só estudante. Podia estudar desde que não atrapalhasse o horário de trabalho.

Quando me apresentei na primeira turma, a 116, e falei que estava fazendo estágio, alguns alunos me olharam com certo descrédito. Disseram que já estavam acostumados com estagiários e suas ideias novas. Percebi mais uma vez que não seria fácil conquistar a atenção dos alunos em minhas propostas de aula. Pois acho que uma aula só é válida se há aprendizado. Mas como havia me preparado para aquilo, fiz uma primeira aula que não só me deixou seguro para continuar, como conquistei o respeito até daqueles que no primeiro momento se mostraram incrédulos com minha apresentação.

Na primeira aula com as turmas de ensino médio, para quebrar o gelo inicial, enquanto aplicava conteúdo de uma forma prazerosa. Fiz com eles uma adaptação da técnica do minuto, (falar em um minuto sobre um livro que leu e gostou, dizendo por que este livro lhe agradou) que aprendemos na graduação com Kaercher (2013, p. 30) e Castrogiovani (2013, p. 167):

[...] visa basicamente, a fazer com que eles assumam sua palavra, que tragam assuntos de seu interesse, que se exponham, que “saíam da toca” do comodismo de serem meros ouvintes. (...) em cada aula (ou semana) um aluno dispõe de cerca de um minuto para falar de um livro de literatura – não “técnico”, portanto – que o marcou.

A atividade ficou assim: Cada alunoalaria de um livro que tivesse lido e gostado, ou de um filme que o tivesse marcado e, ainda que dissesse o nome da cidade de origem de seus pais, que seriam localizados em um mapa do Rio Grande do Sul que faríamos no quadro.

Primeiro fiz no quadro um esboço do mapa do Rio Grande do Sul, onde falei de peculiaridades da formação nosso território. Aproveitando o que aprendi nas aulas de geografia do Rio Grande do Sul. Nesta hora, a caneta para quadro branco não funcionou direito apesar de ser nova. E eu só tinha uma. Fiquei um pouco nervoso, mas depois funcionou e consegui fazer o desenho que queria. Quando desenhava o extremo nordeste do estado, aquela parte que vendo ampliada fica toda recortada. Expliquei que a feição do território gaúcho, naquele lugar se deve a forma do relevo existente ali. A escarpa do planalto, e os cânions. Lá é possível realmente “ver a fronteira”. Lá não é só uma linha no mapa. Falei que eu mesmo só fui entender o porquê daquela forma do mapa de nosso estado, quando fui até lá no município de São José dos Ausentes. E também nunca um professor havia me falado isso, pois acho que também ele não sabia por não ter estado lá. Vemos ai à importância das aulas de campo tanto para os professores em formação como para os alunos. Então os alunos foram falando dos livros ou filmes que tinham lido ou visto e, dizendo as cidades de onde seus pais tinham vindo. Ai localizamos cada cidade no mapa. Não foi tão fácil. Algumas eu nunca tinha ouvido falar, e nem os alunos sabiam bem a onde ficavam, mas no fim achamos todas. Falamos de peculiaridades das cidades e traçamos setas destas cidades até seus locais de moradia atual. Incrível como apesar de no início serem um pouco resistentes, no decorrer da atividade demonstraram que gostaram de falar e principalmente de serem ouvidos com atenção. Isso me mostrou que não adianta despejar o conteúdo sem dar um momento para que os alunos possam tomar a palavra, mesmo que o assunto que eles queiram falar não esteja exatamente relacionado com a aula. É preciso aproveitar o momento de interesse dos alunos. É preciso saber ouvi-los. Como fala Kaercher (2014, p.156):

[...], a importância de estarmos atentos, de ouvirmos os “cacos”, os resmungos, as frases aparentemente desconexas dos alunos. É preciso educar mais o “ouvir” (e às vezes falar menos), pois estas falas dos alunos revelam a sua maneira de ler e entender o mundo.

No final da aula, tínhamos no quadro um mapa de fluxos, com várias setas de cidades interioranas para Porto Alegre. Isso depois nos ajudou muito, pois, o assunto que trataríamos nas próximas aulas, seriam os setores da economia, o mercado de trabalho e suas mudanças ao longo do tempo.

Os alunos participaram da aula, interagiram entre si e com o professor, apreenderam o conteúdo e ainda lamentaram porque a aula passou muito rápido. Esta primeira aula não só quebrou o gelo inicial, como também me deu confiança para seguir em frente e acreditar que com boas propostas e aulas bem planejadas era possível quebrar o estigma de que alunos de escola pública não participam das aulas e não estão nem aí para o professor.

Seguindo as orientações que vi nas aulas teóricas do estágio. Procurei sempre levar um mapa ou o globo terrestre para a sala de aula. Para nós que somos da Geografia, parece desnecessário mas, para os alunos isso pode ser fundamental, pois, muitos nunca haviam manuseado um globo. E foi com ele que fizemos outra prática que apesar de parecer simples, todos participaram e alguns até mostraram um lado artístico. Pedi para eles escolherem um objeto de sua vestimenta, (boné, tênis ou mochila), observar onde tinha sido produzido. Então olhando para o globo que coloquei no meio da sala, pedi para localizarem o país escolhido no globo e depois desenharem ele em uma folha de papel A4, que eu entreguei a eles. Pedi também que eles colocassem os países com os quais aqueles países faziam fronteira. Também o continente a que pertencia e a orientação norte/sul. (não ficou exatamente um “mapa”, mas acho que foi um aprendizado). Quando desenhamos, eu pelo menos sou assim, começo errando muito, mas depois melhora e com isso fica mais fácil gravar em nossa memória. Esta técnica eu adaptei de uma que a professora Roselane Costella, fez com nossa turma na disciplina de preparação à docência, que consiste em tentar desenhar o mapa-múndi em uma folha de papel, olhando para o globo, porém colocando no centro da folha não a África, mas um determinado país ou continente pré-escolhido. Depois usei os desenhos para explicar o funcionamento da DIT (Divisão Internacional do Trabalho). Os países que foram desenhados foram: Vietnã, Bangladesh, China, EUA, Brasil, Argentina e Bolívia e mais os países que faziam fronteira com eles. Os alunos que a princípio resistiram um pouco à ideia de desenhar. Mas depois que começaram a atividade, eles se interessaram e começaram a fazer perguntas relativas aos países. Outros ainda disseram que iriam procurar mais informações sobre eles em casa. Eu

esperava realizar a atividade em um período, mas foi preciso continua-la em outros, mesmo com medo de atrasar o cronograma. Resolvi respeitar o tempo deles e não atropelar a atividade, pois não adianta seguir para outro conteúdo se os alunos não aprenderam bem os que estamos vendo. Como em Gadotti, (1995, p. 80)

Discutiria com os próprios alunos os problemas que o afligem e sobre como avançar com eles um aprendizado [...] relacionado primeiro com sua vida presente. Não me preocuparia em avançar com um programa sem que eles pudessem ir entendendo os como e os porquês.

3.4 O QUE DEU DE ERRADO NOS ESTÁGIOS

Aulas mal planejadas. Aulas em que não previ a participação dos alunos. Aulas onde previ mal o tempo para as atividades. Tanto onde faltou tempo, o que me obrigou a encerrar a atividade sem sua conclusão. O que deixa os alunos desmotivados a realizar outras propostas. Ou terminá-la em outro encontro, prejudicando a outra aula. Ou quando a atividade terminou antes do planejado. Neste caso, a o problema de os alunos, por terem terminado a atividade, quererem debandar da aula. É preciso achar um meio termo. Quando tentei fazer aulas puramente expositivas. Apesar de o assunto parecer muito interessante, não consegui prender a atenção deles. Eu não tinha programado nenhuma atividade para que eles pudessem participar ativamente da aula. Foi frustrante e confesso que se não tivesse eu procurado nos meus planejamentos do estágio, nem eu mesmo me lembraria dos assuntos dessas aulas. Prova mais que suficiente que quando não se constrói o conhecimento junto com os alunos. Fica muito difícil que eles se interessem ou gravem o que foi ensinado. Quando os alunos participam ativamente da aula, mesmo que ela não saia exatamente como o planejado, a aula já valeu a pena. Quando participamos da construção de algo, entendemos seu funcionamento, e será muito mais fácil gravarmos as informações aprendidas. É possível que nem sempre nossas propostas de atividades tenha êxito. Mas mesmo em atividades aparentemente “fracassadas”, se tiver a participação ativa do aluno, o que foi estudado provavelmente ficará gravado em suas memórias. É muito mais possível que o aluno aprenda com atividades que deram errado, do que os trabalhos de cópia e cola que não demanda esforço intelectual nenhum. Pode não dar certo, mas, ainda

assim será muito mais significativo para a aprendizagem do que programas fechados. Melhor fazer e errar do que não fazer por medo de errar.

3.5 O MEU APRENDIZADO COM OS ESTÁGIOS

Tanto nas aulas boas onde os alunos interagiram. Quanto nas aulas que não deram muito certo, o importante é que o estágio e os alunos me proporcionaram um aprendizado em dois semestres, talvez maior do que aquele adquirido em quatro anos de graduação. Ali apliquei na prática o que achava que sabia e às vezes via que só achava que sabia, pois, quando ensinava é que realmente aprendia. Só quando se ensina é possível ver as falhas em nossas certezas. A importância da troca de energia de quem ensina e de quem aprende não nos é dado nos livros, só quando se está diante dos alunos é que ela pode acontecer. No estágio, coisas que eu achava dominar perfeitamente, só no momento que me propus a ensiná-las a outras pessoas, é que eu realmente aprendi. Como quando falei de escalas com os alunos de 6º ano. Para que eles entendessem o que queria dizer escala, perguntei se eles já tinham ido à praia de Tramandaí no litoral gaúcho. Como todos responderam afirmativamente, peguei uma régua e medi a distância no mapa, entre a cidade de Porto Alegre e aquela cidade litorânea, que era de um centímetro. Falei a eles que esse um centímetro no mapa representava mais ou menos cem quilômetros no terreno real. Então fizemos várias medidas de distância. Como por exemplo: de Porto Alegre à Inglaterra; de Porto Alegre à Santarém no Pará que era a cidade natal de uma aluna. E assim percebi que eles realmente entenderam o que era escala. Fora o que aprendi com os conselhos de classe, as rotinas das escolas. Até participando do café na sala dos professores se aprende, como o que falar e o que não falar dos alunos. Já nas orientações do estágio, tínhamos as aulas de cunho teórico- expositivas, onde o professor nos “chamava para o baile”. Fazia-nos interagir com a turma. Tirava-nos da posição de meros expectadores, para nos transformar em atores. Aprendíamos novas práticas para usarmos em sala de aula, e as testávamos com nossos colegas. O que nos ajudava bastante, por que assim íamos para a sala de aula com uma melhor noção dos problemas que poderia nos esperar. Além disso, ouvíamos o relato das aulas de nossos colegas. Isso fazia com que vissemos que não estávamos sozinhos. Compartilhávamos nossas alegrias e nossas angustias acerca do desafio que era novo para a maioria de nós. O relato

dos colegas nos fortalecia e nos ajudava na correção do rumo de nossa iniciante caminhada docente. Além desses encontros coletivos, tínhamos o aconselhamento individual, o chamado convenientemente pelo professor de “confessionário”. Descobri então o porquê deste nome. Era onde apresentávamos nossos planos de aula, às vezes meio desesperado por não saber mais como atrair a atenção dos alunos. Mas ao contrário de sairmos aborrecidos, saíamos “absolvidos” e com ideias novas e sugestões do professor. Era importante também para nos cobrar produção de textos, cumprimento de prazos e pontualidade e assiduidade. Pois, se não formos pontuais e assíduos no estágio, como será depois de formado e efetivado em uma escola?

Como futuro professor, que se diz comprometido com uma forma diferente de ensinar. Não posso negar minha trajetória de aluno. Que abandonou a escola por desinteresse, no ensino fundamental. Que quando aluno, ficava desinteressado pelas aulas. Achava que tudo era desperdício de tempo com algo que a meu ver não me levaria a lugar algum. Jogavam-nos o conteúdo, sem ao menos tentar nos explicar para o que serviria tudo aquilo. Os professores e meus pais só diziam que seria usado no futuro. Agora como professor, tenho o dever de tentar relacionar os conteúdos da Geografia com a vida dos alunos. É claro, assim deveria ser com todas as disciplinas, mas se não podemos influir nas outras. Pelo menos na Geografia, podemos e devemos. Caso contrário de que serviria nossa formação?

Nos relatos que ouço de professores, de colegas, de pessoas ligadas a educação, na literatura ou do noticiário. Muito se fala sobre as dificuldades por que tem passado o ensino em nossos dias. Com isso fui construído a idéia de que para ser um bom professor, que não se contenta apenas em reproduzir conteúdos. Apenas para recheiar os cadernos dos alunos, que no final do ano será descartado. Seria necessário inovar na maneira de ensinar. De uma forma que faça sentido aos alunos, que fique gravado em sua memória de longo prazo. Como fazer isso? Costella (2013, p. 64) me auxilia.

Utilizar os conteúdos já postos como verdades absolutas e transmiti-los desta forma aos alunos permite no máximo que o professor “dê aulas”. Conforme Ferreira (2004, p. 285): “Dar é ceder, presentear, doar.” As aulas não devem de forma alguma representar uma doação, um presente ou uma cedência de saber.

Para ensinar com significação, em minha opinião, é necessário que primeiro estejamos nós professores conscientes da importância do fazer pedagógico. Pois, se nós não estivermos convictos de que é possível dar significado as nossas aulas, ensinar os alunos de uma forma que eles se encantem com a Geografia. Como vamos querer que os alunos prestem atenção em nossas aulas? É necessário conjugar esperança com práticas pedagógicas significadoras. Sabendo que a Geografia trata do espaço, temos que usar esse conhecimento para inculcar em nossos alunos a importância de se localizar nele, para dele tirar proveito para suas vidas, afinal, conforme Lacoste (1976, p. 9): “A geografia não serve só para fazer a guerra”. Serve também para a articulação dos conhecimentos relativos ao espaço, que a Geografia, é um saber estratégico, um poder.

E serve também para fazer dos homens cidadãos esclarecido de seus direitos e deveres para com sua sociedade, conhecedores de seu território, base necessária para sua reprodução. A Geografia pode também auxiliar no conhecimento de como se dá a relação de poder nessa sociedade e com isso reivindicar direitos e saber escolher seus representantes.

Quando os meus professores do Ensino Fundamental e Médio começavam um novo conteúdo, eu queria saber para que serviria aquilo, onde eu poderia usar o novo aprendizado. Assim era mais fácil para mim manter a concentração nas explicações do professor. Isso deve servir para nós, futuros professores. Significar os conteúdos. Parece difícil, uma coisa do outro mundo, mas pode ser simples. Explicar a importância da Geografia não é tão difícil assim. Basta prestar atenção ao entorno, o nosso meio está repleto de temas geográficos.

Meu projeto de pesquisa da disciplina de Metodologia foi sobre evasão escolar e os motivos que afastam os jovens da escola. Pensava eu em dar continuação daquele projeto para o atual trabalho. Mas relendo o projeto, lembrei-me de uma das conclusões a que chegaram os autores de um dos artigos em que o baseei. Assim fala Pereira (2011, p. 142):

[...] que significa não só conhecer os motivos que os afastam da escola, mas principalmente o que ainda os move para o espaço escolar: aquele identificado como desinteressante, com poucos recursos didáticos, com ensino atrofiado, com professores desmotivados, um ambiente, sem dúvida, não prazeroso.

Isso me inspirou a fazer uma pesquisa um pouco diferente. Agora ao invés de querer saber “o que afasta os alunos da escola?” Ou porque acabam abandonando os estudos? Respostas nem sempre confiáveis. Já que na maioria das vezes não será o aluno que abandonou a escola que responderá a pergunta. Pois será difícil encontrá-lo. Porque não pesquisar o que eles ainda gostam da escola? E mais especificamente o que eles gostam ou gostariam de ver nas aulas de geografia? Assim comecei a trabalhar em uma pesquisa, com o intuito de satisfazer essa pergunta. Primeiro pensei em fazer uma pesquisa usando para isso as mesmas escolas do meu projeto de metodologia. Mas achei que seria melhor delimitar a amostra e ficar em apenas uma escola. Como desafio, escolhi aquela escola em que eu estudei até a sétima série. Aquela mesma escola onde eu nos meus 13 anos abandonei os estudos. Justamente por não encontrar significação naquelas aulas. Será para mim também um desafio importante. Procurar respostas onde um dia eu não vi motivos para continuar indo à escola.

4 MINHA PESQUISA: O QUE AINDA MOVE OS ALUNOS PARA O ESPAÇO ESCOLAR

4.1 HIPÓTESE

Em primeiro lugar pela obrigatoriedade da lei. Em segundo lugar, em busca de conhecimento e socialização. Segundo o Art. 208º da Constituição Federal (1988):

O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I - ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria; II - progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio.

Já para a LDB/96, (Art. 6º): “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental.”

Vivenciei no meu estágio, “alunos-problema” que pararam de frequentar as aulas ou foram transferidos para outras escolas e, isto era tomado com certo alívio pela direção e pelos professores, pois seria um problema a menos. Eu tinha na turma de 6º ano uma aluna hiperativa. Mais de uma vez, tive de ser áspero com ela, pois, ele falava gritando e desrespeitava colegas e professores. Um dia cheguei para dar aula e ela não estava mais. Procurei saber por que não viria mais as aulas e, me disseram que a mãe a tinha transferido por achar a escola muito “violenta”. E eu que vinha “brigando” com ela, me senti arrasado, pois, apesar de ser difícil lidar com aquela aluna, ela era muito vívida e esperta e com sua saída a turma que já era pequena, encolheu mais ainda. A escola deve e parece ser um lugar de acolhimento para os alunos. Mas em geral ela espera alunos perfeitos, que se encaixem nos parâmetros escolares previamente ajustados. Mas a realidade é que todos nos somos diferentes e agimos diferente a estímulos padronizados. Neste sentido encontrei apoio nas palavras de Guimarães (1995, p. 80):

[...] Enquanto o nosso sistema de avaliação estiver baseado no cumprimento de tópicos preestabelecidos discutíveis em relação aos quais apenas alguns meninos conseguem, por razões na maior parte das vezes extracurriculares, disparar na frente; enquanto utilizarmos uma régua discriminatória de medição para saber se no final do ano o aluno passa para o outro ou não, continuaremos diante de um importante mecanismo de segregação social, que gera nossos problemas de evasão e de repetência, atualmente já crônicos.

4.2 OBJETIVOS

Descobrir o que ainda move os alunos para escola, tentando descobrir o que eles pensam do ensino e da sua escola e o que os jovens gostam ou não gostam nas aulas de geografia ou o que eles gostariam de estudar mais a fundo na nossa disciplina.

4.3 JUSTIFICATIVA

O resultado da pesquisa ajudará:

A tentar sair das aulas enfadonhas, onde não há crescimento nem aprendizagem. Tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores.

Pretende melhorar a relação professor/aluno, transformando as aulas em algo mais dinâmico e prazeroso para eles. Trazendo o ensino de Geografia para mais próximo do universo dos alunos.

Assim pensei um questionário a ser aplicado com os alunos de 1^o ano do Ensino Médio, na Escola Estadual Antônio Gomes Corrêa. Escolhi esta escola, por que nela estudei até a 7^a série do Ensino Fundamental, onde acabei abandonando no meio ano letivo. A escolha do campo para a pesquisa, talvez tenha sido motivada mais por fatores sentimentais do que científicos. Mas conforme Morin (2000, p. 20):

Poder se ia crer na possibilidade de eliminar o risco de erro, recalçando toda afetividade. De fato, o sentimento, a raiva, o amor e a amizade podemos cegar. Mas é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica.

4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de encontrar respostas para meu questionamento, elaborei um questionário que consiste de 10 questões entre objetivas de múltipla escolha, dicotômicas (S/N), e questões abertas, onde o aluno poderá dar sua opinião sem uma pré-formatação. Decidi que as questões de múltipla escolha deveriam ter o indicativo de escolher só uma resposta, pois, poderia causar problemas para a totalização dos dados colhidos.

A Escola Antônio Gomes Corrêa, situa-se no Bairro Parque dos Anjos, no município de Gravataí. Ela fica ao lado da autoestrada BR 290 a “Free Way”. A Escola e a Estrada foram construídas na mesma época, entre o ano de 1973/74. A Escola atende a comunidade do seu entorno e também a alunos de outros bairros do município de Gravataí. Aproximadamente 1200 alunos em três turnos. Do 1º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio. A idade dos alunos pesquisados varia de 15 anos no turno da manhã e 17 anos no turno da noite.

Fiz contato com a Escola, onde pedi para falar com a diretora, Sra Evelise, que me recebeu e após eu ter explicado que gostaria de fazer uma pesquisa relacionada à educação e ter me identificado como ex-aluno da escola, se prontificou a me auxiliar no que fosse preciso. Falamos um pouco sobre a pesquisa e o meu estágio, onde relatei que havia encontrado turmas pequenas e o problema da evasão. Ela falou que a escola Antônio Gomes enfrentava os mesmos problemas. Observei que eu poderia aplicar os questionários se, não atrapalhasse o andamento das aulas ou eles poderiam ser aplicados pelos próprios professores durante as aulas. A diretora achou melhor que fosse aplicado pelos professores da escola. Concordei e combinei com ela que eu levaria os questionários para serem aplicados.

5 QUESTIONÁRIO

O questionário foi aplicado nas seis (6) turmas de 1º ano do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Gomes Corrêa. Três no turno da manhã e três no turno da noite. Sendo a mesma série em que eu fiz meu estágio de Ensino Médio e que motivou esta pesquisa.

O número de questionários aplicados foi de 50. Sendo que este é o número máximo de alunos frequentando as aulas no 1º ano do Ensino Médio na data em que eu fiz o contato com a diretora para realizar a pesquisa.

O objetivo do questionário é tentar descobrir nesta pequena amostra, uma radiografia do sentimento dos alunos desta escola, em relação ao ensino em geral, em relação a sua escola e mais especificamente ao ensino de Geografia. Poderá dar sua parcela de contribuição, mesmo que pequena, para a melhora do ensino, e mais especificamente para a minha caminhada como futuro professor de Geografia.

5.1 APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Conforme combinado, levei os questionários, (50 cópias) que era o número de alunos que estava frequentando as aulas, e entreguei-os para a diretora que prometeu que seriam aplicados nas turmas de 1º ano, (seis turmas seis turmas ao total), e que eu poderia pegá-los dali a três dias.

5.2 RESULTADOS E ANÁLISE

De posse dos questionários respondidos, me dediquei a analisá-los, quantitativa e qualitativamente e a fazer conclusões possíveis frente às respostas.

Em primeiro lugar, fiquei surpreso quando a diretora falou o número máximo de alunos frequentando a escola naquela data (agosto de 2014). Eram apenas cinquenta (50), nas seis (6) turmas de 1º ano do Ensino Médio. Na realidade quando fui à escola para pegar os questionários preenchidos, ainda sobraram três (3) em branco por falta de alunos. Sendo que a escola Antônio Gomes, desfruta de certo prestígio no município de Gravataí entre as escolas estaduais.

Na verdade a surpresa foi uma confirmação do meu estranhamento frente às turmas pequenas onde realizei o meu estágio, na Escola Estadual Inácio Montanha,

no município de Porto alegre. Lá fiz meu estágio em duas turmas de 1º ano do Ensino Médio e nas duas havia pouquíssimos alunos. E não era só nas minhas turmas, pois, participei do conselho de classe e vi que todas as turmas da escola estavam esvaziadas.

Mas como eu havia previsto no projeto da pesquisa. Que o questionário seria aplicado só nas turmas de 1º ano do Ensino Médio, a pesquisa ficou sendo uma amostra bem pequena. Pensei a princípio em desistir dela e começar outro projeto. Mas pensei melhor e vi que não poderia desperdiçar meus esforços, os esforços da diretora da escola que se prontificou em me ajudar, dos professores que cederam tempo de suas aulas e muito menos dos alunos que responderam o questionário, em sua grande maioria com muita presteza.

As questões 1 e 3 do questionário foram subtraídas, pois, achei que suas respostas ficaram muito similares as outras e não seriam relevantes para o objetivo da pesquisa.

Questão 1

1) Subtraída (respostas similares).

Questão 2

2) Você acha a escola é importante? (47) sim (00) não Por quê?

Cem por cento (100%) acham a escola importante. Para mim antes de tudo, este percentual reflete o comportamento sério dos alunos frente a um questionário proposto por um desconhecido. Mas que tem como proposta, melhorar o ensino. Isso me deixou esperançoso, pois, percebi que se eu chegar às escolas em que for trabalhar, com propostas sérias. Poderei contar com a grande maioria dos alunos. Confesso que esperava muitas respostas negativas. Prova que é possível realizar bons projetos com os alunos se formos claros e objetivos.

Por quê?

-Para ter um futuro melhor, um trabalho bom. -----	17	36%
-Importante, interessante, aprender mais. -----	13	28%
-Sem respostas. -----	08.....	17%
-Para ser alguém na vida. -----	05	11%
-Importante para termos conhecimentos e para se socializar. –	03	06%
-A escola, a família e a educação são muito importantes. -----	01	02%

Total ----- 47 (100%)

Eles terem respondido que a principal importância da escola é a preparação para o futuro, revela a importância da docência para a vida futura de nossos jovens. Não se pode desprezar ou levar a profissão com desleixo. Mas também mostra que podemos ensinar a eles que a escola não serve apenas para o futuro.

Temos que fazer da escola um lugar prazeroso. Um lugar de descoberta e diálogo. Trazer esse “futuro” para mais próximo do presente deles. Mostrar aos alunos que aquilo que estudamos nas aulas, não está tão distante quanto às vezes possa parecer. O relevo que estudamos nas aulas de Geografia que é feito de rochas, argila, areia, etc. está presente na própria sala de aula, no piso, no alicerce, nas paredes. O ferro do “quadrilátero ferrífero” está presente na estrutura da parede, nas carteiras. Que também podem ser citadas nas aulas de matemática, de física, de química. Nos cálculos de área, de resistência, ou para explicar as reações químicas que ocorreram quando foram feitos os prédios da escola etc.

Uma grande parcela acha a escola importante/ interessante e quer aprender mais. Por isso o professor não pode ficar só repetindo parágrafos de livros didáticos. O livro pode ser um grande aliado no estudo da Geografia. Mas o professor tem de dar vida ao livro. Instigar e desequilibrar os alunos. Para então se reequilibrarem com o que aprenderam. Fazer com que eles queiram ver onde a Geografia pode levá-los.

Questão 3

3) Subtraída (respostas similares)

Questão 4

4) Cite três coisas que você menos gosta na escola.

Cinquenta e quatro (54) citações ou 53% dos que responderam a pergunta, disseram que o que eles menos gostam da escola, tinha relação com a estrutura física ou com a relação social entre os alunos.

(Falta de higiene nos banheiros, falta de respeito com os colegas, merenda ruim, falta de investimentos, falta de educação de alguns funcionários, quadra, falta de professores, bagunça, recepção, sala de aula, recreio curto, passeio, poucos torneios de futebol).

Realmente não é fácil estudar em uma escola onde não há higiene, onde os colegas não se respeitam ou num ambiente que reina a bagunça. Parece não estar diretamente ligada a aprendizagem, mas uma estrutura física boa, e um ambiente agradável, fazem muita diferença em uma escola. Se o aluno se sentir bem, se sentir acolhido, certamente ele responderá com preocupação em aprender. Ninguém quer sair de um lugar acolhedor. A estrutura física geralmente depende de investimentos que sabemos demoram a chegar e geralmente são insuficientes.

Quarenta e oito (48) citações ou 47% dos alunos que responderam, disseram que o que eles menos gostam da escola, tinha relação com as regras da instituição.

(As regras, horários, estudar, alguns professores, matemática, diretora, provas, uniforme, sistema avaliativo tiveram 48 citações).

Os regramentos, o relacionamento e as aulas em si, podem ser trabalhados sem custos. As regras tem que ser claras e construídas com a participação dos alunos, que assim serão chamados a responsabilidade. Tudo o que é imposto, em geral tende a ser desobedecido. É preciso que a escola seja também um lugar onde os jovens aprendam a se organizarem a reivindicar e praticar a responsabilidade pelas decisões tomadas em conjunto. Se as regras forem construídas conjuntamente entre alunos, professores e direção, e forem divulgadas de forma clara e acessível. Elas terão muito mais chances de serem obedecidas. Kaercher (2014, p. 124) destaca que: “[...] se as regras forem apresentadas e combinadas entre os pares, creio que poderia diminuir a ansiedade natural dos alunos em testarem os limites do professor.”

Poucos não gostam do ensino em si.

Não responderam ----- 13

Questão 5

5) Você gosta de geografia? (31) sim (16) não Por quê?

Sem resposta do por quê?.....09

Porque posso saber sobre vários lugares.....08

Pois acabamos entendendo mais sobre a Terra o mundo.....06

Porque gosto de falar sobre relevo, clima, etc.....06

Porque todas as matérias são importantes.....04

Chato.....04

Porque não entendo muito bem o conteúdo03

Porque aprendemos sobre matérias primas.....	01
Porque se um dia me perder, posso passar as coordenadas.....	01
Porque gosto mais de matemática.....	02
Nenhum dos professores que tive soube dar aulas.....	01
Porque não me dou bem na matéria decorada.	01
Porque eu quero!.....	01
Total.....	47

Trinta e um alunos (31) de um total de 47 gostam de geografia. Ou seja, 66% dos alunos pesquisados gostam de Geografia.

Nós professores precisamos aproveitar esta predisposição com a nossa disciplina para tornar as aulas ainda melhores. Mais instigantes e prazerosas. E quem sabe até aumentar nossa participação na distribuição dos períodos nas escolas. Valorizar nossas aulas, valorizar a nossa Geografia para sermos também valorizados.

Como já apontei com relação a questões anteriores, podemos e devemos relacionar as aulas de qualquer área da Geografia, com elementos que estão próximos do cotidiano dos alunos. Por exemplo: Valorizar as paisagens e feições do relevo do entorno da escola. Lembro que quando fiz o estágio na Escola Luciana de Abreu, um aluno me perguntou se uma lomba que fica no final da rua da escola e que o aluno passava todos os dias era considerado uma forma de relevo. Respondi que sim e que certamente sua altura a forma estaria indicada em um mapa de Porto Alegre em grande escala e, se não fosse a urbanização do bairro, poderíamos ver o sistema de drenagem do terreno que hoje deve estar canalizado. Também se pode falar de como as paisagens do bairro chegaram ao estágio atual. Como se formou o solo do lugar. Levar amostras de rochas existentes no bairro ou na cidade do aluno. Rego *et al.* (2007, p. 9) nos indica que:

Os espaços cotidianamente vividos (o pátio e o prédio da escola, o bairro e seus diferentes lugares, a urbanidade ou ruralidade) são espaços plenos de perguntas a serem feitas, problemas a serem discutidos, de soluções a serem pensadas e até – quem sabe? -, em alguma medida posta em prática.

Também podemos pedir para eles trazerem amostras de rochas ou plantas que eles tenham em casa e não saibam sua origem. Falei destes exemplos por

gostar de geologia e botânica, mas há muitas outras possibilidades. A ocupação do espaço, o traçado das ruas os prédios. E se o professor não souber de determinado assunto, pois, ninguém sabe tudo; pode-se aproveitar para fazer/pedir para os alunos, uma pesquisa em livros ou na internet. Estimular a autônoma busca de conhecimento. Depois essas informações podem ser compartilhadas com os colegas.

Tudo isso a meu ver, pode fazer com que os jovens gostem do espaço escolar. Precisamos aproveitar o que eles gostam na nossa disciplina para trazê-los mais para perto. Encanta-los com a geografia que nos encantou e que ao menos a mim ainda encanta.

Dezesseis (16) ou 34 % dos alunos disseram que não gostam de Geografia. Mas notei que em suas justificativas, eles não colocaram um empecilho contundente a disciplina Geografia. Apenas não gostam por motivos diversos, muitos ligados a forma de os professores lidarem com a aplicação do conteúdo. Não tem como eles gostarem de Geografia se não veem segurança e entusiasmo pelos professores que a ensinam.

As respostas livres falam por si só. A análise que eu faço é que não existe um consenso geral. Não podemos seguir apenas uma linha teórica ou um plano de conteúdos fechados. Acho que não podemos estudar o clima do Canadá se o assunto entre os alunos é um terremoto no Nepal. Temos que aproveitar o momento de interesse dos alunos e transformar esse interesse em um conhecimento organizado e crítico.

Questão 6

6) Cite três palavras que vem a sua cabeça quando ouve falar de geografia?

Aqui as palavras mais lembradas foram:

Clima -----	11
A Terra -----	10
Mapas -----	10
Paisagens-----	08
Países -----	08
Relevo; Natureza; -----	04
Matas; Professora de geografia; Continentes. -----	03
Rochas; Pesquisa; Planetas, Localização, Seminários -----	02

Passar de ano, Matéria boa, Fácil, Estudo mais aprofundado, Ter conhecimentos, Querer saber mais, Oceanos, Espaço, Navegações, Hidrografia, Importante, Necessário, Matéria, Aprendizagem, Livros, Economia, Legenda, Complicado, Aula, Copiar, População, Descobertas, Curiosidades, Cotidiano, Terremotos, Campos, Conhecimentos gerais, Aula chata/prof. chata, Altitude, Fotografia, Lugar, Tempo, Gráficos, Rio Nilo, Aula, Poluição (1).

O que mais me chamou atenção aqui foi o grande número de temas elencado pelos alunos, (53) palavras relacionadas com disciplina. O que prova a grande variedade de assuntos que podemos tratar em aula. Mas também prova que o aluno tem dificuldade de se localizar dentro do que seja propriamente conteúdo de Geografia. Nós mesmos, professores, temos dificuldade para delimitar nosso campo de estudo. Afinal Geografia não é o “estudo da Terra”? E como tudo acontece na Terra, tudo é associado à Geografia. Como diz Kaercher (2014, p. 108):

Perigo: A Geografia se dilui em infinitos temas. Mas os professores esquecem-se de ligar tais assuntos a disciplina, relacionar com o espaço vivido dos alunos, ou as categorias e raciocínios ligados ao espaço. Se o professor não fizer esta ligação – ou tentar – o aluno tenderá a não ver sentido no que se está falando.

Acredito que ao invés de lamentar essa miscelânea de temas, devemos aproveitar para recheiar nossas aulas com eles e conquistar os alunos. Não dá pra dizer que já terminamos o conteúdo antes de terminar o ano letivo. Tem muito pra falar, pra dialogar prá ensinar e aprender.

Questão 7

7) Escreva algumas linha sobre o que você acha que a geografia estuda?

Coisas do mundo, climas, relevos, lagos e rios-----	10
Tudo o que está na nossa volta-----	07
Sem respostas -----	07
Paisagens, climas, montanhas -----	04
Mapas, mares, continentes, países -----	03
Espaços geográficos, paisagens -----	03
Estuda a história da Terra, lugares, regiões, climas, relevos -----	02
Estuda os movimentos dos planetas e os climas -----	02
Fusos horários, nascente, temperaturas, planetas -----	02

Estuda as origens das rochas no planeta -----	01
Estuda os países, populações, mapas, continentes -----	01
Coisas interessantes -----	01
Clima, vegetação, rochas e suas formações-----	01
Estuda de tudo um pouco, paisagens, formas de convivência para melhorar o mundo-----	01
Sobre países e placas tectônicas -----	01

Aqui novamente um grande número de temas que os alunos relacionam com a nossa disciplina. Pensei em agrupar por áreas afins para facilitar a análise, mas, achei que assim da forma que ficou, preservando a escrita dos alunos, faria mais sentido. Apesar de parecer só uma grande lista de conteúdos que não tem aplicação prática. Afinal, “Geografia fala de tudo sem se aprofundar”, mas, justamente por falar de tudo é que podemos aproveitar para relacionar nossos conteúdos com vida dos alunos, ao seu cotidiano.

Aproximar a disciplina Geografia do mundo do aluno. São muitas possibilidades para boas aulas. Mas também precisamos localiza-los. Não deixa-los perdidos e dispersos num sem fim de temas, que soltos podem não fazer sentido. Acredito sim que quando relacionada a coisas concretas, a Geografia escolar fará sentido para o aluno. Como fala Kaercher (2014, p. 127):

Então sentimos que falta a ação do professor como alguém que costura “os cacos” de informações que o aluno tem, isto é, os conhecimentos prévios, muitas vezes desorganizados. É de fundamental importância que o professor articule as informações. O conteúdo de Geografia propriamente dito, e ainda, os assuntos do cotidiano que a Geografia lida.

Questão 8

8) O que você gostaria de estudar em geografia? (marque só uma resposta)

a) Paisagens do mundo.....	23	49%
b) As características dos países, (clima, culturas).....	06	13%
c) As diferentes formas de relevo.....	02	04%
d) Oceanos, rios e lagos.....	07	15%
e) Como se formam as montanhas, os vales, as paisagens naturais ou artificiais.....	09	19%
Total.....	47	100%

1º lugar: Paisagens do mundo. Com 47%.

Não tem como não relacionar geografia com paisagem. E temos que aproveitar esse interesse dos alunos para fazer aulas prazerosas e educativas. Relacionar a paisagem com o clima, com a cultura, com o tipo de economia local, regional ou com o modelo econômico nacional. Por exemplo: podemos perguntar por que no Brasil existe tanta estrada para carros e caminhões e tão poucas ferrovias ou hidrovias? Você poderia descrever uma paisagem que você conheça próxima de sua casa em que tenha uma ferrovia ou uma hidrovia, Ou ainda uma que não tenha uma rodovia? O que seria melhor para o país? Quais interesses estão por trás destas “opções” de sistemas de transporte utilizados no Brasil?

A paisagem é algo que está posto na nossa cara. Não tem como não falar dela nas aulas de Geografia. Ao se deslocar de sua casa para a escola, ou quando sai com sua família para um passeio, o aluno provavelmente passa por diversas paisagens diferentes. Cabe a nós professores sabermos usar a paisagem como categoria/instrumento de análise nas nossas aulas. Fazê-los perceber elementos próprios de cada paisagem. Explicar como ela se formou, quais transformações ocorreram, porque ocorreram. Quais forças atuam na moldagem de uma paisagem. A paisagem é moldada só por força da natureza? Quais agentes moldam uma paisagem?

2º Lugar: Como se formam as montanhas, as paisagens naturais e artificiais. Com 19%.

A meu ver, não adianta falar que determinada montanha, determinado vale, está ali presente no mapa e que é a representação da realidade. Não podemos simplesmente descrever. Tem que explicar como chegou até ali. Que forças agiram, o que ocorreu até determinado relevo ficar como é hoje, e como poderá ficar no futuro levando-se em consideração os processos que estão ocorrendo na atualidade. Meus interesses na escola sempre foram entender os processos, a história e o funcionamento das coisas.

Oceanos, rios e lagos/Características dos países (clima, culturas), vêm em seguida. Alguns pensam que são meras curiosidades, mas se bem exploradas, essas curiosidades podem ser o início de boas aulas e bom aprendizado. Nas aulas de Geografia fala-se do mundo inteiro, mas tem muito para ser conhecido e melhor explorado aqui dentro do nosso estado. Devemos aproveitar esse desconhecimento para municiar e transformar nossas aulas em algo mais proveitoso e prazeroso. Fazer com que os alunos queiram assistir nossas aulas.

Questão 9

9) Como você acha que poderá usar na sua vida os conhecimentos adquiridos nas aulas de geografia? (escolha só uma resposta).

a) Quando for escolher um setor da economia para sua carreira profissional. --

-----16 34%

b) Quando for escolher um local para morar. ----- 09 19%

c) Quando for escolher um local para passar as férias. -----19 40%

d) Quando for escolher seus representantes numa eleição. ----- 03 06%

Total -----47 100%

Dezenove (19) ou 40 % dos alunos pesquisados, responderam que usariam os conhecimentos adquiridos nas aulas de Geografia para escolher um lugar para passar as férias. Este percentual me surpreendeu. Esperava que fosse bem menor com relação a temas a meu ver mais importantes para a nossa vida. Porém não é de se estranhar, pela forma apática como são dadas as aulas de Geografia nas escolas do Ensino Fundamental e Médio. Sem o aprofundamento necessário a uma ciência. O aluno acaba concluindo que Geografia é apenas um roteiro de viagens.

Geografia não é só decorar nomes de capitais, e 16 ou 34 % dos jovens questionados já descobriram isso, tanto que escolheram a opção (quando for escolher um setor da economia para sua carreira profissional). E a meu ver o professor pode e deve levantar questões sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho, pois estes às vezes estão totalmente perdidos com relação aos novos desafios da entrada na vida adulta. Quando fiz meu estágio de Ensino Médio, com alunos em sua maioria já inseridos no mercado de trabalho. Procurei falar junto com o conteúdo, que era sobre economia, mostrar onde estava atualmente às maiores chances deles conseguirem emprego. Também falei para eles continuarem estudando e se possível se qualificarem mais, para terem possibilidades de conseguirem um emprego melhor e também um salário melhor. Posso afirmar que eles me ouviram com atenção. Não vi naquele momento os tão falados alunos que não querem saber de nada.

15% dos alunos escolheram a opção: (Quando for escolher um local para morar). Pode não parecer, mas a geografia pode contribuir muito para que se encontre um bom lugar para fazer sua casa. Por exemplo: Orientação solar, distância ou proximidade dos sistemas de transporte, poluição do ar ou sonora,

possibilidades de inundação ou, se o bairro está em processo de transformação, revitalização ou de decadência. Isto com certeza, irá influenciar na hora de negociar o preço da compra ou venda de um imóvel por exemplo. Afinal, as aulas de Geografia Urbana não servem só para admirar a arquitetura dos prédios históricos.

A opção (d) “quando for escolher seus representantes numa eleição” foi apontada por apenas três (3) ou 6% dos alunos. Acho que por ainda relacionarem muito a Geografia com mapas, rios etc.

Questão 10

10) O que você faria para melhorar o ensino e a escola?

Ensino diferente, mais atividades interativas -----	17
Melhorar os alunos/ prestar mais atenção nas aulas -----	13
Sem resposta -----	06
Mais regras -----	04
Cada um cuidando de sua vida -----	02
Mais professores -----	02
Merenda melhor/ Uniforme gratuito -----	02
Menos trabalhos e falar mais com os alunos -----	01

Dezessete (17) alunos ou 36% propuseram aulas diferentes, com mais atividades interativas. Ou seja, aulas mais prazerosas com a participação dos alunos, aulas que tanto se fala nas aulas da graduação, mas nem sempre executadas nas escolas. A escola precisa ser lugar de aprendizagem, de experimentação. Ela é lugar de aprender, mas também é o lugar de errar, refazer e quem sabe errar novamente para aprender. A escola não pode ser um lugar conceitos imutáveis e expectativas preestabelecidas. Será que é possível fazer aulas/atividade diferentes mais dinâmicas e prazerosas? Ou seria isso um sonho não tangível, coisa só da cabeça de um professor recém-formado? Seria muita ilusão pensar isso, principalmente em uma escola pública? Busco ajuda em Rego *et al.* (2007, p. 10):

É pertinente lembrar que uma distinção possível entre sonho e ilusão é que o sonho tenta torna-se realidade e, para tanto, estabelece contato com seus próprios limites e avalia possibilidades. [...] poucas coisas podem ser mais distantes da ação que vislumbra a modificação da realidade do que a repetição programática de um roteiro invariável.

Os alunos são diferentes uns dos outros, os alunos pensam diferente uns dos outros, esta é uma das coisas que não era o objetivo desta pesquisa, mas, acabou aparecendo claramente.

Treze (13) alunos ou 28% apontaram que eles próprios precisam melhorar para fazer uma escola melhor (melhorar os alunos/prestar mais atenção nas aulas). Para mim isso mostra maturidade e uma capacidade de compreensão acima do estimado por nós professores.

Seis alunos (6) ou 13% não responderam a pergunta número dez. A meu ver, mesmo sem dar respostas, os alunos deram um recado. O ensino assim como está, precisa mudar. Ou muda ou não cumprirá sua função social.

Quatro alunos pediram mais regras. Parece contraditório este pedido vir dos alunos. Que em geral lutam contra todos os regramentos. Mas às vezes a situação de indisciplina foge tanto de controle que eles próprios veem que a situação precisa mudar, eles mesmos acabam pedindo maior controle. Mas para funcionar estas regras precisam ser acordadas entre alunos e professores. Segundo Kaercher (2014, p. 104):

[...] a autoridade do professor é absolutamente necessária e, eu diria mais, o aluno a deseja. Isso não implica ser autoritário ou criador de regras draconianas. A autoridade do professor se dá pela via do domínio do seu ramo de conhecimento (razões cognitivas), e, por razões de ordem prática, de gerenciamento da disciplina, de regramento do convívio social, no fundo, de questões éticas e morais.

As outras sugestões foram divididas em várias temáticas um tanto difícil de analisar conjuntamente. No entanto isso mostra a grande diversidade de ideias entre os alunos de uma única escola em uma única série.

6 CONCLUSÃO

Penso que para nós da licenciatura, o contato com as escolas, com turmas de alunos deveria começar já nos primeiros semestre da graduação. Ficamos muito tempo teorizando e aprendendo conteúdos. A parte do ensinar fica represada para os últimos semestres. Ai é aquela correria de observações e estágios. Acho que se o contato com as escolas começasse antes, teríamos mais tempo e acredito que seria mais proveitoso. Assim poderíamos ir colocando em prática com mais calma os conhecimentos adquiridos nas disciplinas da graduação.

O estágio foi um momento de muita aprendizagem. Aprendi muita coisa. Teve aulas que foram maravilhosas onde deu tudo certo. Às vezes não sabia bem se eram as minhas aulas eram realmente boas ou os alunos estavam predispostos a me escutar. Mas também teve momentos que balancei na vontade e na certeza de que queria ser professor. Houve dias que sai da sala de aula do estágio me sentindo como se planeta Terra estivesse sobre as minhas costas. Principalmente naquelas em que não previ a participação dos alunos ou previ mal o tempo de determinada atividade.

Utilizando algumas boas praticas pedagógicas que aprendi durante a graduação, entendi que é possível sim dar boas aulas com poucos recursos disponíveis. Antes de tudo é preciso conseguir a atenção e o respeito dos alunos e ter disposição para ensinar. Se o professor for apático, os alunos não vão parar para ouvi-lo. Ficará o professor falando sozinho, sem obter atenção necessária para que exista aprendizado.

Nas aulas do estágio, tanto no do Ensino Fundamental como no do Ensino Médio, procurei sempre levar um mapa ou se possível o globo terrestre e coloca-lo em um lugar de destaque na sala. Também sempre ter um bom plano de aula e talvez até um plano “B” para alguma eventualidade, pois, nem sempre o planejado dá certo. Às vezes também é preciso improvisar. Com uma aula bem planejada, os alunos acabam sentindo-se valorizados e então é possível contar com a participação deles, mesmo nas nossas desacreditadas escolas públicas.

Foi só com o estágio, preparando os planos de aula ou, em sala de aula ensinando aos os alunos os conteúdos apreendidos na graduação, que acabei realmente aprendendo, ou reaprendendo o que eu achava que sabia. Muito dos

conceitos que eu achava que dominava, só foi entender realmente enquanto preparava minhas aulas para ensinar os alunos.

Outra coisa que vi em meus estágios foi a grande quantidade de alunos que por diversos motivos acabam abandonando a escola. Logo no início do estágio, quando me deparei com lista de presenças, notei que a quantidade de alunos do caderno de chamada, era bem diferente do número de alunos que frequentavam as aulas. Algumas ausências eram resultado de transferências para outras escolas. Mas na maioria das vezes era de alunos que haviam abandonado a escola, logo nas primeiras semanas de aula. Durante meu estágio, não foi diferente, teve duas alunas da Escola Luciana de Abreu, que acabaram saindo da escola por motivos distintos. Nas primeiras aulas já percebi que teria que dar uma atenção especial a elas se quisesse dar boas aulas. Já nas observações tinha notado a reação delas as propostas de aulas dos professores. Numa aula resolvi inverter a situação. Como percebi que gostavam muito de falar e em tom bastante alto, então pedi para uma delas ler um texto do livro didático, que para minha surpresa, demonstrou muita concentração na leitura e inclusive deu bronca nos colegas que não prestavam atenção. Acho que ela se sentiu valorizada com minha proposta de leitura e então nossa relação melhorou bastante. A outra aluna que acabou sendo transferida durante meu estágio de Ensino Fundamental, ela sempre falava gritando, acho que fruto de seu convívio familiar ser conturbado, e eu tive que ser áspero com ela algumas vezes. Um dia cheguei para dar aulas e fui informado que ela havia sido transferida para outra escola, pois, sua mãe achava a escola muito violenta. E eu que vinha tendo problemas com seu comportamento, fiquei muito chateado, pois, apesar de às vezes tumultuar a aula. A aluna era muito vívida e esperta e a turma que já estava pequena diminuiu mais um pouco.

O que concluo sobre a hipótese relativa à minha pesquisa é que, o que ainda move a maioria dos alunos para o espaço escolar é a necessidade de um certificado que os possibilite um futuro melhor. Pelo que entendi nas suas respostas, a escola seria um mal necessário, um rito de passagem. Quase um purgatório, necessário para se obter um possível prêmio futuro.

Penso que a escola não deveria ser encarada desta forma, deveria ser um lugar mais prazeroso. Onde os jovens gostassem de estar e para lá fossem não só com o intuito de conseguir um diploma para ser usado no futuro.

Com relação aos objetivos da pesquisa, penso que foram alcançados só em parte. Sendo eu pouco experiente em pesquisas, vi posteriormente a aplicação dos questionários que as perguntas poderiam ser melhor formuladas, para que as respostas não se dispersassem tanto e a análise fosse passível de maior precisão. Porém como assinali anteriormente, que é ensinando, praticando, que realmente se aprende os conteúdos. Também é pesquisando e errando que se aprende a pesquisar.

Alguns objetivos foram alcançados:

Segundo a pesquisa, todos os alunos acham que a escola é importante. Seja para ter um futuro melhor, porque é necessário para ter um certificado, porque é um local de aprendizado ou para se socializarem.

Que o que eles não gostam da escola, é principalmente a sua estrutura física. Que tem relação direta com a falta de investimentos pelo poder público. E os regramentos da instituição que podem ser mais bem trabalhados e esclarecidos, para que os alunos fiquem mais comprometidos.

A grande maioria dos alunos gosta de Geografia. Isso nos dá a possibilidade de, com boas propostas de aulas, conseguirmos bom nível de atenção.

Que os alunos relacionam a Geografia com vários temas, e cabe a nós professores “situá-los sobre a Terra” e clarear o que estes temas tem de relação com a Geografia.

Que a maioria dos alunos compreende que os conhecimentos aprendidos nas aulas de Geografia, não são apenas para serem usados para responder questões de provas. Podem auxiliá-los na tomada de decisões em toda de sua vida.

Foi possível ver também que muitos alunos querem aulas e atividades diferentes, e também que eles assumem que eles próprios precisam mudar/melhorar suas atitudes em relação à escola e ao comprometimento com o aprendizado.

Quanto à justificativa, concluí que apesar dos reveses, das perguntas talvez mal formuladas, a pesquisa foi uma pequena, mas válida ação em busca de um ensino melhor e que ao menos para mim foi importante, e pedagógico. Terminei este trabalho me sentindo melhor, mais esclarecido. Não só em relação ao que os alunos pensam da escola, mas também de como fazer ou o que não fazer em uma pesquisa científica.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm>. Acesso em: 01 jul. 2015.

COSTELLA, Roselane Z. Movimentos para (não) dar aulas de geografia e sim capacitar o aluno para diferentes leituras. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. *et al.* (Org.). **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Compasso Lugar - Cultura, 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**. 6. ed. Curitiba: Posigraf, 2004.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KAERCHER, Nestor André. Os movimentos que meus mestres me ensinam: ddd's, signos, alimentos, escadas, luzes, gre-nais. In: CASTROGIOVANNI, Antônio C. *et al.* (Org.). **Movimentos no ensinar Geografia**. Porto Alegre: Compasso Lugar - Cultura, 2013.

_____. **Se a geografia escolar é um pastel de vento o gato come a geografia crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. São Paulo: Papyrus, 1976.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

PEREIRA, Rita de Cássia. A evasão sob a ótica de profissionais de ensino. **SER Social**, Brasília, v. 13, n. 29, p. 113-145, jul./dez. 2011.

REGO, Nelson *et al.* (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

APÊNDICE A - O questionário aplicado

Prezado Aluno:

Com a finalidade de coletar dados para subsidiar meu trabalho de graduação sobre os interesses dos estudantes **em relação à escola** em geral e **a disciplina de geografia** em particular, solicito suas respostas ao questionário aqui proposto. Suas opiniões são muito valiosas e necessárias para garantir que esse estudo seja fiel à realidade por que passa o sistema público de ensino, no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Seu nome ficará em sigilo, não é necessário se identificar, (mas se quiseres se identificar fique à vontade). Nem você e nem o seu professor estão sendo avaliados. Não há respostas certas ou erradas. Para responder pense **na escola** e nas aulas de **geografia** desde que você começou a estudar e não somente neste ano.

Agradeço desde já sua contribuição.

Atenciosamente: Roberto Carlos, licenciando em Geografia, UFRGS.

- 1) O que você gostaria que tivesse mais na escola? (marque só uma resposta)
 - a) mais conteúdos
 - b) mais tema de casa
 - c) passeios estudo
 - d) mais trabalhos
 - e) mais debates sobre assuntos atuais.
- 2) Você acha a escola importante? () sim () não Por quê?
- 3) Cite três coisas que você mais gosta da escola.
- 4) Cite três coisas que você menos gosta na escola.
- 5) Você gosta de geografia? () sim () não Por quê?
- 6) Cite três palavras que vem a sua cabeça quando ouve falar de geografia?
- 7) Escreva algumas linha sobre o que você acha que a geografia estuda?
- 8) O que você gostaria de estudar em geografia? (marque só uma resposta)
 - a) Paisagens do mundo.
 - b) As características dos países, (clima, culturas).
 - c) As diferentes formas de relevo.

d) Oceanos, rios e lagos.

e) Como se formam as montanhas, os vales, as paisagens naturais ou artificiais.

9) Como você acha que poderá usar na sua vida os conhecimentos adquiridos nas aulas de geografia? (escolha só uma resposta)

a) Quando for escolher um setor da economia para sua carreira profissional.

b) Quando for escolher um local para morar.

c) Quando escolher um lugar para passar férias.

d) Quando for escolher seus representantes numa eleição.

10) O que você faria para melhorar o ensino e a escola?
